

Diplomática atração do mundo¹

Teresinha V. Zimbrão da Silva *

Resumo

Ab

partir do romance *Esaú e Jacó*, este trabalho pretende refletir sobre a questão do cosmopolitismo machadiano, discutindo as afirmações de Silviano Santiago sobre Machado no ensaio *Atração do Mundo*.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Machado de Assis; Crítica e Interpretação.

1 Atração do Mundo

*o espírito humano, que é um só e
terrivelmente centralista, está do outro
lado do Atlântico*

Joaquim Nabuco

Em *Atração do Mundo*, artigo publicado em 1996, Silviano Santiago, refletindo sobre o cosmopolitismo dos intelectuais no Brasil da *Belle Époque*, aproxima as posturas de Joaquim Nabuco

* Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora.

e Machado de Assis. Do primeiro, Silviano analisa as memórias, *Minha Formação*, publicadas em 1900, de onde inclusive inspira-se para intitular o seu próprio artigo. Nabuco, ao afirmar então uma irresistível atração pelo mundo do outro lado do Atlântico, estaria compartilhando do sentimento eurocêntrico que dominava a grande maioria dos intelectuais do período.

Este sentimento estaria sendo ainda compartilhado por Machado. Deste último, Silviano analisa a crítica literária exercitada no decênio de 1870. Ao longo desta, Machado afirmava que a consciência de nacionalidade do escritor brasileiro estava no processo de interiorização do que lhe fosse exterior, pois o influxo externo é que era então determinante.

Daí conclui Silviano que ambos os intelectuais estariam, com suas posturas cosmopolitas - de supervalorizar o influxo externo em detrimento do interno - contribuindo para afirmar um eurocentrismo cultural.

Concordamos com Silviano no que diz respeito a Nabuco, mas gostaríamos de questionar até que ponto a afirmação é válida para o caso de Machado. Para tanto, ao contrário de Silviano, nos deteremos não na crítica literária do autor, exercitada no início da sua carreira, e sim no romance da maturidade, *Esaú e Jacó*, publicado em 1904, ou seja, quatro anos depois das memórias de Nabuco.

No auge da *Belle Époque*, um período de intenso cosmopolitismo no Brasil, estaremos considerando a “mania da Grécia” (a expressão é de Brito Broca) como um bom exemplo do predomínio de um influxo externo, sobre o interno, na vida cultural do país. Acompanharemos Machado adotando uma postura tão crítica em relação a esta “mania”, quanto a que já adotara antes em relação aos exageros da cor local romântica. É a partir daí que refletiremos sobre o cosmopolitismo machadiano.

2 A “Mania” da Grécia

o preconceito da inferioridade étnica... levava os... escritores a se refugiarem na Grécia...
Brito Broca

Quando Machado de Assis publicou em 1904 o seu *Esaú e Jacó*, a Grécia há algum tempo já habitava de novo a literatura brasileira. De fato, desde as primeiras manifestações do Parnasianismo no final do século XIX, o prestígio dos Deuses do Olimpo, que tinha se eclipsado durante o Romantismo, reacendeu triunfante e assim veio a permanecer até a guerra de 1914, pelo menos.

Nenhum escritor podia considerar-se verdadeiramente culto se não citasse os helenos. Deles usou e abusou o entusiástico Coelho Neto. E também Olavo Bilac, João do Rio e Monteiro Lobato, dentre muitos outros.

Em resposta a Mário de Alencar e ao seu projeto de escrever um poema sobre Prometeu, Machado de Assis comentava em carta de 1908 que relera por aqueles dias o *Prometeu* e o *Fedon*, concluindo então “veja como ando grego, meu amigo” (MACHADO DE ASSIS, 1997, III, p. 1086).

Ora, segundo o crítico Brito Broca, “essa mania da Grécia (...) era um meio, por vezes inconsciente, de muitos intelectuais brasileiros reagirem contra a increpação da mestiçagem, escamoteando as verdadeiras origens raciais” (BROCA, 1975, p. 105).

Lembremos que, no Brasil da *Belle Époque*, a mestiçagem era considerada um fator de decadência. O espelho a ser mirado era o do branco europeu, a imagem que então se queria ver era a do embranquecimento da sociedade brasileira. Daí talvez o empenho da grande maioria dos escritores da época em adotar literariamente a condição de grego. Imaginando-se como europeus, defendiam-se contra a suposta decadência da mestiçagem.

Monteiro Lobato em carta de 1908 a Godofredo Rangel, comunicando-lhe que estava a ler Homero, escrevia: “Estive uns dias no Rio. Que contra-Grécia é o Rio! O mulatismo dizem que traz dessoramento do caráter”. E ainda: “Que diferença de mundos! Na Grécia, a beleza; aqui a disformidade. Aquiles lá; Quasímodo aqui”. Concluía: “Como consertar essa gente? Talvez a salvação venha de São Paulo e outras zonas que intensamente se injetam de sangue europeu” (LOBATO citado por BROCA, 1975, p. 107).

Em carta a José Veríssimo, Joaquim Nabuco fazia o seguinte protesto contra o fato de se chamar Machado de Assis de mulato: “A palavra não é literária, é pejorativa (...). Eu pelo menos vi nele o grego” (NABUCO citado por BROCA, 1975, p. 106).

Lembremos ainda que o helenismo representou, dentro do Parnasianismo brasileiro, uma verdadeira *torre de marfim* onde os escritores podiam se refugiar das “disformidades” da realidade local. Lá do alto, esta Grécia contemplava com olhar superior o Brasil logo embaixo, tão próximo e tão distante.

Ora, um tal distanciamento não acontece em *Esau em Jacó*. Realidade local e Grécia se confundem no romance. Pois vejamos.

Consideremos a primeira referência então aos helenos: esta comparece logo nas páginas iniciais, quando, o narrador, a propósito de uma consulta por parte de um de seus personagens ao oráculo de uma popular adivinha, cita outras páginas que também narram uma consulta oracular: as da tragédia de Ésquilo, intitulada *Eumênides*. Eis a citação machadiana: “Relê Ésquilo, meu amigo, relê as Eumênides, lá verás a Pítia, chamando os que iam a consulta...” (MACHADO DE ASSIS, 1997, I, p. 948).

Notemos que Machado de Assis coloca então, em surpreendente convivência, os dois oráculos: o clássico e o prosaico. Em atitude contrária à dos demais escritores do período, que preferiam o distanciamento da realidade local, Machado, ao citar a tragédia no romance, coloca a tradição helênica com o seu puro colorido sublime para conviver “cá embaixo” com a modernidade brasileira e suas mestiças cores “vulgares”.

De fato, em *Esau e Jacó*, o respeitável oráculo da sacerdotisa Pítia de Delfos convive com o suburbano oráculo de uma popular adivinha do Morro do Castelo, sobre a qual o narrador acrescenta o importante detalhe de tratar-se de uma cabocla. Notemos que Machado reencena, nos tempos modernos, o tema clássico da consulta oracular e seleciona justamente uma *mestiça* - uma *cabocla* - para no aburguesado palco brasileiro representar, como a adivinha do Morro do Castelo, o clássico papel da *grega* Pítia de Delfos.

Lembremos que Joaquim Nabuco recusava-se a ver no amigo o mulato para só ver o grego. Pois o Bruxo do Cosme Velho, já nestas páginas iniciais do romance, com a sua “pitonisa” cabocla alcançou conciliar ambas as imagens, a “pejorativa” do mulato e a literária do grego - imagens que para o amigo e muitos outros eram inconciliáveis.

Neste sentido, não seria razoável afirmar que o cosmopolitismo de Machado difere do de Nabuco? Em Machado, convivem influxos externo e interno. Machado é mulato e é grego. A sua “pitonisa” cabocla sugere-se como uma crítica ao isolamento do intelectual local no alto cosmopolita da torre de marfim. Convivem na personagem, a sublimidade da referência literária e a “vulgaridade” da realidade “pejorativa”.

Pois esta convivência de valores, a princípio tão contrastantes, teria produzido no “pensamento grego” do romance um “sentido irônico”, já notado pelo crítico Eugênio Gomes que, a respeito, escreveu:

os reflexos do pensamento grego em Esaú e Jacó adquirem, às vezes, um sentido entre irônico e humorístico (...) será lícito afirmar que o romance envolve uma sátira sutil, mas sátira, à preamar de idéias, imagens e comparações gregas com que a nossa literatura foi inundada no começo deste século? (GOMES, In: MACHADO DE ASSIS, 1997, III, p. 1100)

Gomes percebe a peculiaridade do helenismo machadiano em relação ao dos demais escritores do período. Machado estaria, na verdade, criticando e satirizando a “mania da Grécia” durante a *Belle Époque*.

Além do isolamento na torre de marfim, um outro aspecto desta “mania” era o próprio exagero: citações a todo instante. A este respeito comenta Brito Broca: “a Grécia triunfou plenamente em nossas letras (...). Alguns citavam-na a cada passo...” (BROCA, 1975, p. 102).

Ora, mais uma vez o helenismo machadiano será crítico em relação ao dos demais intelectuais do período. Pois vejamos.

Consideremos uma outra referência em *Esaú e Jacó* à tradição helênica. No capítulo LXI, intitulado “Lendo Xenofonte”, somos informados pelo narrador que o personagem Aires está a ler o consagrado prosador grego e, a princípio, este é o único momento em que temos a presença de Xenofonte no romance. Todavia, sem ser citado a cada passo, Xenofonte é a possível inspiração para um dos enigmas mais instigantes de *Esaú e Jacó*: que é a sua excêntrica estruturação narrativa.

Lembremos que este romance contém uma Advertência, na forma de um prefácio, onde o autor verdadeiro, Machado de Assis, entrega à autoria a um dos seus personagens, o conselheiro e diplomata Aires e isto por meio do argumento do manuscrito encontrado. Neste prefácio, somos informados que a narrativa, *Esaú e Jacó*, seria na verdade o último volume dos sete manuscritos do *Memorial*, deixados por Aires quando da sua morte e encontrados por Machado de Assis que, no papel do editor, tão somente teria decidido quanto a sua publicação.

Ora, o argumento do manuscrito encontrado já era bem conhecido na literatura brasileira da *Belle Époque*, o que veio a ser então sem precedentes, é o fato da leitura efetiva das páginas seguintes de *Esaú e Jacó* não confirmar as expectativas motivadas pelo conhecido argumento. Afinal, vemos Machado de Assis entregar a autoria a Aires no prefácio, contudo não vemos Aires assumir essa autoria na narrativa.

De fato, ao chegarmos no capítulo XII de *Esaú e Jacó*, intitulado “Esse Aires”, temos o narrador, que já sabemos pelo prefácio ser Aires, a introduzir o próprio Aires não na primeira pessoa, como esperávamos, mas na terceira pessoa, comentando então: “Esse Aires que aí aparece” (MACHADO DE ASSIS, 1997, I, p. 964). Para nossa grande surpresa, Aires é apresentado como mais um dos personagens da estória e não como o seu

pseudo-autor. Eis que temos então uma excêntrica estruturação narrativa onde o autor Machado de Assis diz ser tão somente o editor de um “eu” que se trata como um “ele”.

Mas como já havia notado a crítica americana Helen Caldwell, a estruturação de *Esaú e Jacó* não é tão excêntrica assim, outros escritores já a haviam adotado antes e dentre estes, o grego Xenofonte, que nas suas memórias intituladas de *Anabasis* também se introduz como um personagem, ou seja, não na primeira pessoa, mas na terceira pessoa, comentando então: “There was, you see, a certain fellow in the army, Xenophon by name” (XENOFONTE, citado por CALDWELL, 1970, p. 155).

Ora, como já mencionamos, Xenofonte é o escritor que - o *narrador* Aires nos informa - o *personagem* Aires está lendo. De fato, esta é a informação que temos no capítulo LXI, intitulado “Lendo Xenofonte”. Estaria Machado de Assis nos dando então uma pista sobre o modelo da sua excentricidade narrativa? Sendo este o caso, o autor teria colocado o seu pseudo-autor Aires se inspirando na excêntrica narração das memórias de um grego para narrar o último volume das suas respectivas memórias.

A própria estruturação narrativa de *Esaú e Jacó* seria então um helenismo machadiano. E sendo um helenismo implícito e não explícito ao exagero - como o dos outros intelectuais do período - se constituiria como mais um exemplo da crítica do Bruxo do Cosme Velho aos parnasianos. O helenismo machadiano, ao destoar dos demais, motiva-nos a interpretá-lo como um verdadeiro “presente de grego”, de Machado de Assis, à “mania da Grécia” durante à *Belle Époque*.

Notemos que, se, por um lado, Machado criticou a supervalorização do influxo interno, ou dado local, na sua crítica literária sobre o período romântico (como notou Silviano), por outro lado, em romance publicado no período parnasiano, o escritor veio a criticar, com a mesma veemência (tal como notamos neste trabalho), a supervalorização do influxo externo ou dado cosmopolita.

Os ensaios que Silviano toma como referência para aproximar o cosmopolitismo de Machado do de Nabuco, são justamente aqueles de crítica aos exageros da cor local romântica e deveriam ser compreendidos dentro deste contexto. Tomá-los como exemplo de uma postura mais definida do cosmopolitismo machadiano nos parece questionável. Considerando a postura crítica do escritor em relação aos exageros do helenismo parnasiano, até que ponto seria válido afirmar que o dado cosmopolita sobrepõe-se ao local em Machado?

Talvez possamos afirmar que Machado demonstra, sobretudo, uma *diplomática atração do mundo*, onde cosmopolitismo e localismo constituem ingredientes que se equilibram, tal como sugere o próprio escritor na seguinte metáfora culinária: “ir buscar a especiaria alheia, mas há de ser para temperá-la com o molho de sua fábrica” (MACHADO DE ASSIS, 1997, II, p.727).

Abstract

Considering the novel *Esaú e Jacó*, this work intends to discuss the cosmopolitanism of Machado de Assis, debating Silviano Santiago ideas, about the Brazilian writer, shown in the essay *Atração do Mundo*.

Key words: Brazilian Literature; Machado de Assis; Criticism and Interpretation.

Notas Explicativas

- ¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no X Encontro Regional da Abralic, realizado na UERJ, Rio de Janeiro, julho de 2005.

Referências Bibliográficas:

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

CALDWELL, Helen. *Machado de Assis: The Brazilian Master and his Novels*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1970.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*, 3 vols. Rio de Janeiro: Aguilar, 1997.

SANTIAGO, Silvano. Atração do Mundo. *Gragoatá*, Niterói, n. 1, p. 31-54, 1996.